

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Escola de Belas Artes
Programa de Pós-graduação em Artes
Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias
Contemporâneas

Ellen Mayumi Higashi

**OS ELEMENTOS NATURAIS DO MUNICÍPIO DE SÃO JOÃO EVANGELISTA,
MINAS GERAIS: repertórios para o desenvolvimento de práticas de ensino-
aprendizagem em Arte**

Belo Horizonte

2023

Ellen Mayumi Higashi

**OS ELEMENTOS NATURAIS DO MUNICÍPIO DE SÃO JOÃO EVANGELISTA,
MINAS GERAIS: repertórios para o desenvolvimento de práticas de ensino-
aprendizagem em Arte**

Monografia de Especialização apresentada ao Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas – CEEAV do Programa de Pós-graduação em Artes – PPG Artes, da Escola de Belas Artes – EBA, da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas.

Orientadora: Luana Carla Martins Campos Akinruli

Belo Horizonte

2023



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS



FOLHA DE APROVAÇÃO

NOME: **ELLEN MAYUMI HIGASHI**, Nº. DE REGISTRO: **2021695284**.

TRABALHO FINAL: **“OS ELEMENTOS NATURAIS DO MUNICÍPIO DE SÃO JOÃO EVANGELISTA, MINAS GERAIS: REPERTÓRIOS PARA O DESENVOLVIMENTO DE PRÁTICAS DE ENSINO-APRENDIZAGEM EM ARTE”**.

Trabalho de Conclusão da Especialização apresentada ao Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas – CEEAV, do Programa de Pós-graduação em Artes – PPG Artes, da Escola de Belas Artes – EBA, da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas.

APROVADO em 07 de julho de 2023, pela Banca Examinadora constituída pelos Membros:

Profa. Dra. Luana Carla Martins Campos Akinruli (Orientadora/ CEEAV/ PPG Artes/ EBA/ UFMG)

Prof. Me. Diego Ted Rodrigues Boga (Membro da Banca Examinadora/ IFMA/ CEEAV/ PPG Artes/ EBA/ UFMG)



Documento assinado eletronicamente por **Luana Carla Martins Campos Akinruli, Usuário Externo**, em 11/07/2023, às 22:39, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.



Documento assinado eletronicamente por **Diego Ted Rodrigues Boga, Usuário Externo**, em 12/07/2023, às 09:47, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2463108** e o código CRC **578CEF2A**.

Referência: Processo nº 23072.242909/2023-90

SEI nº 2463108

Resumo

O presente trabalho apresenta questões referentes aos meios pelos quais práticas de ensino/aprendizagem em arte podem ser desenvolvidas em uma escola pública da rede de Minas Gerais, a partir dos elementos naturais da cidade em que se situa, São João Evangelista. O texto faz uma breve contextualização dos objetos em questão – a cidade, as relações de seus habitantes com o local e o aspecto educacional do público-alvo no que se refere ao componente curricular Arte. A partir desse reconhecimento, é abordada a pertinência do tema e a relação humano-natureza e a separação entre essas duas esferas sob o olhar de Ailton Krenak em *A vida não é útil e Ideias para adiar o fim do mundo*. Por fim, o trabalho apresenta uma proposta pedagógica elaborada com base na Abordagem Triangular sistematizada por Ana Mae Barbosa, apresentando ações pertinentes à prática educativa em sala de aula, considerando as questões referentes à natureza mencionadas em *Tópicos Utópicos*, da autora, bem como o *Currículo Referência de Minas Gerais*, documento orientador para o planejamento de aulas. A proposta em questão tem por finalidade ampliar o repertório artístico discente, partindo dos conhecimentos próprios dos/das estudantes, em acordo com a *Pedagogia da Autonomia*, de Paulo Freire, como meio para desenvolvimento do pensamento artístico e da realização de trabalhos plásticos autorais.

Palavras-chave: elementos naturais; São João Evangelista; repertório artístico.

Abstract

This work intends to present questions referring to the means through which teaching/learning practices in art can be developed in a public basic education school in the state of Minas Gerais, based on the natural elements of the city where it is located, São João Evangelista. The text contains a brief contextualization of the concerning objects – the city, the relation of its population with the place and the educational aspect of the target public relating to the curricular component Art. From that identification, the pertinence of the theme is approached, as well as the relation human-nature and the separation of these two spheres by the viewpoint of Ailton Krenak in *A vida não é útil* and *Ideias para adiar o fim do mundo*. Finally, this work presents a pedagogical proposal elaborated based on the Triangular Approach of Ana Mae Barbosa, with actions that are relevant to educational practice in the classroom, considering the nature issues mentioned in *Tópicos Utópicos*, from the author, as well as the *Currículo Referência de Minas Gerais*, a guiding instrument for lesson planing. The referred proposal aims to expand the student's artistic repertoire, considering their knowledge, in accordance with *Pedagogia da Autonomia*, of Paulo Freire, as a foundation for the development of artistic thinking and for the execution of authorial art works.

Keywords: natural elements; São João Evangelista; artistic repertoire.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | |
|--|----|
| Figura 1 – Localização geográfica de São João Evangelista..... | 12 |
| Figura 2 – Mapa estatístico de São João Evangelista | 13 |
| Figura 3 – Igreja Matriz | 14 |
| Figura 4 – Escola Estadual Monsenhor Pinheiro | 15 |
| Figura 5 – Praça Zeferino de Carvalho | 15 |
| Figura 6 – Cachoeira da Fumaça..... | 16 |
| Figura 7 – Cedro plantado em 1896 | 16 |
| Figura 8 – Capela de São Sebastião | 17 |
| Figura 9 – Lagoa do IFMG - <i>campus</i> São João Evangelista..... | 17 |
| Figura 10 – <i>Graffiti</i> de Fábio Gomes. | 32 |
| Figura 11 – Desenho de Liça Pataxoop, <i>Tehey Grande Tempo das Águas</i> | 33 |
| Figura 12 – Passarinhos – de Inhotim a Demini, de Adriana Varejão..... | 34 |
| Figura 13 – Instalação de Andy Goldsworthy; folhas deitadas em torno de um buraco..... | 35 |

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

| | |
|------|---|
| BNCC | Base Nacional Curricular Comum |
| CRMG | Currículo Referência de Minas Gerais |
| EJA | Educação de Jovens e Adultos |
| IBGE | Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística |
| IFMG | Instituto Federal de Minas Gerais |
| LDB | Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional |

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| 1. INTRODUÇÃO | 09 |
| 2. CONTEXTO DE SÃO JOÃO EVANGELISTA EM MINAS GERAIS: CULTURA E EDUCAÇÃO | 12 |
| 3. O ENSINO-APRENDIZAGEM EM ARTE E INTERPRETAÇÕES DA NATUREZA ... | 23 |
| 4. PROPOSTA PEDAGÓGICA – RESSIGNIFICAÇÕES DA NATUREZA NA ARTE | 27 |
| 4.1 Informações gerais | 28 |
| 4.2 Primeira aula: apresentação e apreciação de obras | 30 |
| 4.3 Segunda aula: planejamento de trabalho prático | 36 |
| 4.4 Terceira aula: execução de trabalho prático | 37 |
| 4.5 Quarta aula: apresentação da intervenção | 40 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 39 |
| REFERÊNCIAS | 40 |

1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa investiga os elementos naturais presentes na cidade de São João Evangelista em Minas Gerais, enquanto referência para as aulas de Arte, com ênfase na ampliação do repertório estético-visual discente. A iniciativa se deu pela experiência em sala com estudantes da rede pública do Estado de Minas Gerais, em especial com turmas da atual escola onde venho lecionando desde 2021, na cidade em questão. Nota-se que, para uma grande parte desse público, o repertório temático/visual é bastante restrito e criar trabalhos artísticos autorais é entendido como uma tarefa difícil, algo do qual não se sentem muito capazes de realizar. Neste sentido, a temática da natureza foi aqui elencada como objeto principal pelo fato de que a percebo como parte substancial do cotidiano da população local. Penso que, talvez por essa proximidade tão costumeira, ela seja despercebida como assunto das produções artísticas autorais pelas turmas com que trabalho, de maneira geral. Nessas produções, a natureza é considerada quase somente em seu aspecto mais genérico, sem envolvimento afetivo aparente e sem maiores relações de pertencimento entre a população e o seu contexto de vivência.

Defende-se a premissa de que o acesso à educação abre caminhos para o desenvolvimento de habilidades e competências necessárias à convivência e ao exercício de cidadania, sendo, portanto, essencial à formação humana. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) de nº 9394 de 1996, expõe entre os objetivos do ensino fundamental, em seu artigo 32, “a compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade” (BRASIL, 1996, Art. 32). Em conformidade, o artigo 35, referente ao ensino médio, lista entre suas finalidades “a consolidação e o aprofundamento dos conhecimentos adquiridos no ensino fundamental, possibilitando o prosseguimento de estudos”, bem como o “aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico” (BRASIL, 1996, Art. 35).

Associado a isso, a arte, por sua vez, possibilita em seus próprios processos, lidar com um pensamento específico não utilizado comumente em outros campos disciplinares na escola. Conforme ressaltou Lucia Gouvêa Pimentel,

Arte, enquanto área de conhecimento, além de ser um modo de pensar, de chegar a produções inusitadas e estéticas, de propor novas formas de ver o mundo e de apresentá-las com registros diferenciados, é também uma construção humana que envolve relações com os contextos cultural, socioeconômico, histórico e político. (PIMENTEL, 2008, p. 10)

Em uma sociedade tão visual, a apropriação de ferramentas para produção, fruição e compreensão de contextos diversos nos quais se inserem as produções artísticas, bem como o desenvolvimento de noções estéticas, são extremamente pertinentes. É importante salientar que ao considerar as relações que são estabelecidas e tidas como base para os processos criativos, o ensino de Arte e suas manifestações devem abranger não apenas as obras legitimadas pelas instituições ou pela mídia, mas abarcar e fomentar o reconhecimento do entorno, das relações locais com o mundo e também do autoconhecimento, compreendendo que estudantes devem ter espaço como protagonistas no processo de aprendizagem.¹ Em acordo, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), descreve a Competência 3, dentre as sete da área de Linguagens e Suas Tecnologias para o ensino médio:

Utilizar diferentes linguagens (artísticas, corporais e verbais) para exercer, com autonomia e colaboração, protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva, de forma crítica, criativa, ética e solidária, defendendo pontos de vista que respeitem o outro e promovam os Direitos Humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável, em âmbito local, regional e global. (BRASIL, 2018, p. 481)

Neste sentido, entende-se que compreender as imagens e a produção artística de uma maneira geral, assim como executá-la, viabiliza um pensamento crítico pertinente à formação discente que é parte de um todo, de um complexo contexto cultural/social/político/ambiental. O ensino de Arte, além de importante em suas próprias especificidades por possibilitar a abordagem de inúmeras temáticas, torna-se também um interessante recurso pelo qual se pode desenvolver e incitar reflexões diversas, dentre as quais, a relação entre seres humanos e a natureza, foco temático dos processos artísticos pedagógicos que são o objeto da presente pesquisa.

¹ Paulo Freire (1996) aponta a importância de se considerar o/a estudante como sujeito social e histórico, cujo acervo de conhecimentos empíricos deve ser respeitado junto a sua individualidade. Cf. FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

A partir dessas considerações é desejável que muitos dos conhecimentos empíricos envolvendo a natureza ou seus elementos no ambiente urbanizado possam ampliar a experiência artística e que isso, por sua vez, possa acarretar um fortalecimento da identidade evangelistana discente, já que implica no (re)conhecimento da natureza local e na sua relação de pertencimento com aquele contexto. Assim, esta pesquisa consiste em uma breve análise do contexto da realidade local, tanto em seu aspecto escolar quanto fora do espaço educacional, e de como um plano de ensino-aprendizagem pode ser adaptado a esse contexto considerando suas especificidades e potencialidades. Para isso, além da abordagem em torno da cidade e dos aspectos educacionais das turmas em questão – especificamente em relação às aulas de Arte –, serão apresentadas obras artísticas consideradas pertinentes ao objetivo do trabalho e ideias de práticas artísticas no âmbito da sala de aula que possam atingir os objetivos do trabalho. Em termos teóricos, partiremos de uma abordagem sobre a relação entre cultura e natureza para a interpretação da influência dos territórios no ensino de Arte.

2. CONTEXTO DE SÃO JOÃO EVANGELISTA EM MINAS GERAIS, CULTURA E EDUCAÇÃO

A história da cidade de São João Evangelista se inicia no início do século XIX, conforme Dermeval José Pimenta (1966, p. 154-155), com a instalação do mais antigo fazendeiro a habitar a área onde hoje se localiza o município. Trata-se do Capitão Ildefonso da Rocha Freitas que nomeou sua fazenda de São João, a qual fazia parte do distrito de Santo Antônio do Peçanha subordinado ao Sêrro. Ele faleceu em 1873, deixando doze filhos e doação de dois alqueires de suas propriedades à Igreja Católica, onde se deu a fundação de um povoado que, em 1882, passou a ser denominado São João Evangelista. Segundo Pimenta (1966, p. 165), em de 30 de agosto de 1911, o até então arraial de São João Evangelista foi elevado à condição de município após o desmembramento de Santo Antônio do Peçanha e sua instalação solene ocorreu em 1º de junho de 1912.

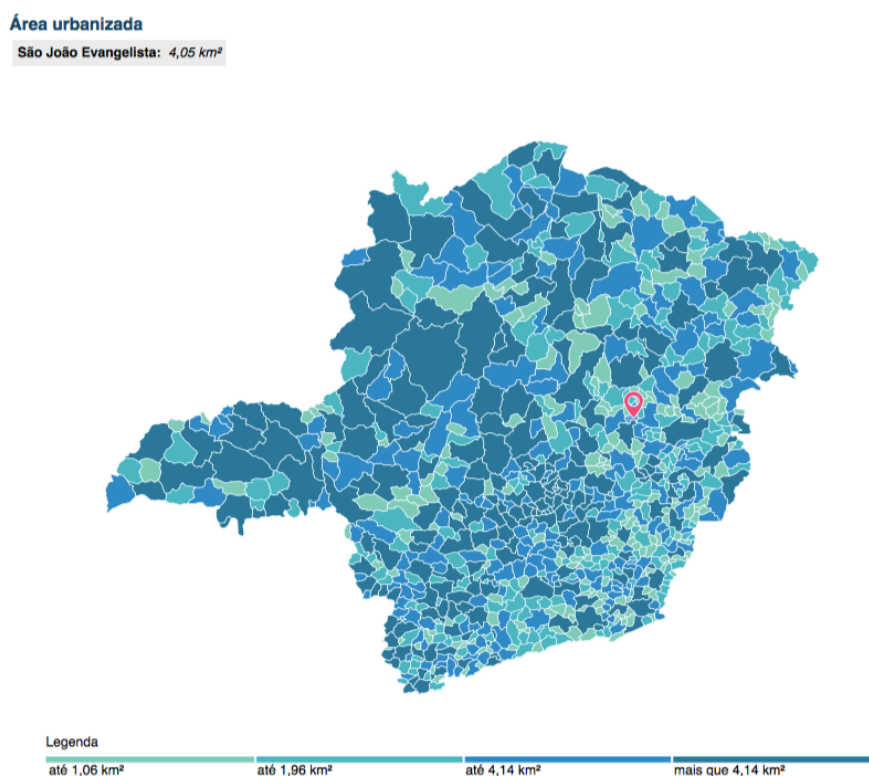


Figura 1 – Localização geográfica de São João Evangelista. Indicação da localização geográfica de São João Evangelista em mapa de Minas Gerais com classificação de áreas por extensão urbanizada em km². Fonte: *Área urbanizada*: IBGE, Diretoria de Geociências, Coordenação de Meio Ambiente, Áreas Urbanizadas do Brasil 2019. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/sao-joao-evangelista/panorama>. Acesso em: 10 jun. 2023.

São João Evangelista se localiza na região do Vale do Rio Doce, distante 280 km de Belo Horizonte e tem, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2022), 478,183 km² de unidade territorial, sendo 4,05 km² de área urbanizada (IBGE, 2019).

A população do município estimada em 2021 foi de 15.761 indivíduos, distribuídos em 4.551 domicílios particulares permanentes, sendo 3036 residências urbanas e 1.515 residências rurais (IBGE, 2010b). O bioma local é a Mata Atlântica. Para fins de melhor entendimento da distribuição das áreas urbanizadas, no mapa a seguir é possível verificar quatro dos setores censitários² urbanos destacados pelos contornos em magenta, sendo que desses, a área pontilhada é onde se localiza a escola referência do presente trabalho. Nota-se que a área não urbanizada é extensa, o que confere no município uma presença de animais não humanos significativamente grande, se comparada à região metropolitana de Belo Horizonte, por exemplo.

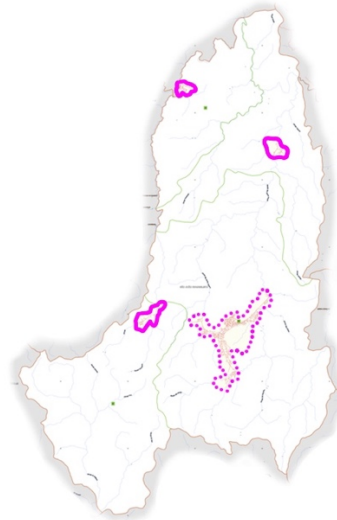


Figura 2 – Mapa estatístico de São João Evangelista. Fonte: Mapa estatístico de São João Evangelista, MG. IBGE, edição 04/2021. Imagem editada, eliminando o entorno do município e com contornos para destaque de áreas de setores censitários urbanos. Imagem original disponível em https://geoftp.ibge.gov.br/cartas_e_mapas/mapas_municipais/colecao_de_mapas_municipais/2020/MG/sao_joao_evangelista/3162807_MM.pdf. Acesso em: 1 jun. 2023.

² “O setor censitário é a unidade territorial estabelecida para fins de controle cadastral, formado por área contínua, situada em um único quadro urbano ou rural, com dimensão e número de domicílios que permitam o levantamento por um recenseador” (IBGE, 2010a).

Em relação às dinâmicas culturais, a Semana da Cultura tem destaque pelo grande envolvimento da população evangelistana e de seu entorno, que, até a presente data, teve 34 edições. A Semana, que ocorre em setembro, geralmente conta com apresentações de artistas locais, montagem de espaço de lazer para crianças, apresentações escolares de dança e música, exposições artísticas, distribuição de bolo de arroz, campeonato esportivo das escolas municipais, feira com comida mineira, passeio ciclístico, dentre outras atividades. É também durante a Semana da Cultura que ocorre o Desfile de 7 de setembro, evento de maior popularidade da Semana, em que as escolas aliam à caminhada cívica seus desfiles elaborados de acordo com uma temática diferente a cada ano.

Das atividades de lazer que ocorrem ao longo do ano se destacam as cavalgadas e outros eventos esportivos como campeonatos de futebol, corridas de motocross e passeios ciclísticos.

Alguns dos estabelecimentos mais conhecidos, visitados e apreciados pela população enquanto locais de identidade evangelistana são:

- A Igreja Matriz, localizada na área central da cidade, foi criada em 1880, e em 15 de agosto de 1882 foi feita a instalação canônica, sendo o padre Joaquim Antônio dos Santos Lacerda seu primeiro pároco;



Figura 3 – Igreja Matriz de São João Evangelista.
Fonte: Acervo pessoal da autora, 2023.

- A Escola Monsenhor Pinheiro, que teve como primeiro diretor Franklin Pereira dos Reis. A criação da escola, na época denominada Grupo Escolar Monsenhor Pinheiro, foi oficializada em 1908 e a inauguração das instalações oficiais ocorreu em 12 de outubro de 1927;



Figura 4 – Escola Estadual Monsenhor Pinheiro.
Fonte: Acervo pessoal da autora, 2023.

- A Praça Zeferino de Carvalho, um dentre vários pontos de referência da cidade, tem o nome de um dos fundadores do Arraial de São João evangelista;



Figura 5 – Praça Zeferino de Carvalho.
Fonte: Acervo pessoal da autora, 2023.

- A Cachoeira da Fumaça, local muito apreciado e visitado para recreação pela população evangelistana e de seu entorno;



Figura 6 – Cachoeira da Fumaça.
Fonte: Acervo pessoal da autora, 2023.

- O Cedro, plantado em 1896 a partir de três mudas de cedro rosa doadas por Francisco Assis França ao segundo pároco da cidade, Monsenhor Antônio Pinheiro de Souza Brandão;



Figura 7 – Cedro plantado em 1896.
Fonte: Acervo pessoal da autora, 2023.

- A Capela de São Sebastião, localizada no distrito Nelson de Sena, tombada pela sua importância cultural para a cidade;



Figura 8 – Capela de São Sebastião.
Fonte: Acervo pessoal da autora, 2023.

- E a lagoa do Instituto Federal de Minas Gerais (IFMG) – *campus* São João Evangelista (fundado em 1951, quando, à época, denominava-se Escola de Iniciação Agrícola de São João Evangelista):



Figura 9 – Lagoa do IFMG – *campus* São João Evangelista.
Fonte: Acervo pessoal da autora, 2023.

Dentre os bens culturais protegidos inventariados, 82 são estruturas arquitetônicas e urbanísticas, 60 são bens móveis e integrados, 13 são conjuntos

paisagísticos e 15 são patrimônios imateriais (SÃO JOÃO EVANGELISTA, 2023). Não há nessa lista o registro de áreas de preservação ambiental, sítios arqueológicos ou parques ecológicos, mas tão importante quanto os bens constituídos de edificações e outros produtos humanos, é a valorização da natureza local, relevante porque também pode estimular na população evangelistana um sentimento de pertencimento e de orgulho, viabilizando um ciclo de cuidado e desenvolvimento da cidade. Além disso, ao estimularmos o apreço pela natureza, é possível que seja reforçada uma consciência da necessidade de preservação desses espaços naturais, o que é extremamente pertinente à sociedade atual, fomentando um movimento de reestruturação do atual modo de viver que é alimentado por um consumo não sustentável, danoso ao meio ambiente. A respeito da relevância do reconhecimento do patrimônio natural, podemos abordá-la, dentre outras possibilidades, sob a perspectiva do ecoturismo. Conforme as Diretrizes para uma Política Nacional de Ecoturismo (1994), essa prática deve abranger: o conhecimento da natureza, a experiência educacional para formação de consciência ambientalista através da interpretação do meio ambiente, a valorização das culturas tradicionais e a promoção do desenvolvimento sustentável.

Ressalto que priorizo nesse contexto não um projeto ambiental ou planejamento para uma nova cidade, mas sim uma proposta didática que provoque novos olhares e outras percepções e que, a partir dessas novas concepções da natureza local pelas turmas com quem trabalho, os/as estudantes tenham seus repertórios artísticos ampliados – não apenas em termos de referências de obras e artistas, mas que também reconheçam seus sentidos, vínculos afetivos e conhecimentos envolvidos com a natureza como ponto de partida para suas produções autorais e melhor compreensão de produções alheias, locais, nacionais e mundiais. Uma das maneiras pelas quais percebo viabilizar o processo criativo quando os/as estudantes dizem estar “sem inspiração”, com dificuldades de avançar em suas elaborações de atividades práticas, é através de perguntas, sempre dando-lhes protagonismo em suas criações: “Do que você gosta de fazer?”, “O assunto do enunciado está presente em sua vida de alguma maneira? Qual?”, “Você tem algum pertence/memória que se relaciona com o tema da aula de hoje?”, “O que você gostaria de dizer às pessoas?”, “Qual cor você acha que representa melhor seu questionamento?”, “Qual enquadramento é mais apropriado para exprimir sua ideia?”,

etc. Essas perguntas visam mais clareza da consciência de si em relação às diferentes dimensões que as temáticas trabalhadas em sala podem ocasionar, oportunizando novas maneiras de pensar, ver, sentir e agir.

Por estarmos tratando de aulas de Arte, a abordagem de conteúdos e habilidades próprias da disciplina é desejável, conforme objetivos educacionais, além disso, o que se espera aqui, com a proposta didática deste trabalho em específico, é promover uma mediação entre os conhecimentos e referências já presentes no cotidiano discente com a concretização dessas ideias em trabalhos artísticos. Não é raro que apenas uma das perguntas citadas seja suficiente para despertar o/a estudante para o início da execução plástica de sua obra. Fica demonstrado, portanto, que objetos necessários para execução (conhecimentos, memórias, experiências – além de orientações de execução técnica) já existem e que um suposto bloqueio pode ser derrubado ao se reapresentar esses objetos sob a perspectiva artística. Ou seja, visualizar as próprias subjetividades atreladas aos processos artísticos acarreta em mais segurança para execuções autorais, amplia possibilidades e viabiliza uma maior diversidade de ideias e procedimentos pelos quais o/a estudante pode realizar suas produções.

De acordo com a *Sinopse Estatística da Educação Básica* do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP, 2023), o município contava, em 2022, com 14 instituições que atendem ao Ensino Fundamental, sendo que seis dessas destinadas aos Anos Finais: uma da esfera municipal e as outras cinco da rede estadual. Para o Ensino Médio, há quatro instituições: uma da esfera federal e as demais são da rede estadual.

A escola referente à proposta deste trabalho se localiza no centro da cidade e funciona em três turnos: pela manhã e à tarde com ensino regular dos Anos Finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio, e, à noite, com Ensino Fundamental e Médio na Modalidade Educação de Jovens e Adultos (EJA), além dos cursos técnicos em Enfermagem e em Agente de Saúde.

As turmas com que tenho desenvolvido meu trabalho de professora de Arte nessa escola têm sido, até o presente momento, da modalidade regular. São estudantes dos Anos Finais do Ensino Fundamental e do Ensino Médio, níveis que correspondem, em situação regular, à faixa etária que compreende dos 11 aos 17 anos de idade. O público é bastante heterogêneo em diversos aspectos, sendo que

uma das diferenças, provavelmente a mais evidente por acontecer na distinção por turnos, é devido à logística de deslocamento de estudantes: pela manhã estudam, em sua maioria, os grupos residentes nas proximidades da escola ou da região central do município; à tarde as turmas compreendem um numeroso grupo de pessoas residentes em zonas rurais. Em certa medida, em situações em que os/as estudantes se permitem expressar verbalmente sobre si, é possível perceber, ainda que sutilmente, algumas referências cotidianas diferenciadas, como nas tarefas que executam fora da escola, nos afazeres domésticos e nos gostos pessoais de vestimenta. No que se refere às aulas de Arte, no entanto, essas referências não aparecem e não há aparente diferenciação quanto às referências culturais e artísticas desses(as) estudantes em comparação aos outros grupos que residem nas áreas urbanizadas. Esse é um ponto pertinente aos objetivos da proposta didática a ser apresentada neste trabalho: há uma impessoalidade, de forma generalizada, dos trabalhos artísticos. Esse cotidiano (que inclui a natureza local) não se reflete nas produções artísticas discentes, apesar de ser parte significativa de suas identidades.

Outras diferenças, mais evidentes, são aquelas referentes às idades e à assiduidade. Estudantes do Ensino Fundamental são mais assíduos(as), sendo que o 6º e o 7º ano são as turmas mais frequentes, característica que se torna menos marcada conforme avanço do ano de escolaridade.

Um aspecto que difere esses grupos e que penso como relevante às questões deste trabalho é o empenho em atividades escolares e abertura às experimentações: percebo que o público mais jovem, do Ensino Fundamental, tende a ser menos resistente às propostas de atividades, sejam teóricas ou práticas. Aparentemente, se sentem mais à vontade para expressar suas opiniões, concretizar plasticamente suas ideias e experimentar novas técnicas. Também, por essas atitudes, costumam se empenhar por mais tempo em determinados exercícios práticos. Uma certa ansiedade por finalizar as tarefas aparece com maior recorrência em anos de escolaridade superiores e, em muitos casos, o desinteresse pelo trabalho mais elaborado se associa a uma baixa autoestima, que resulta em discursos do tipo “não sei fazer” antes mesmo de iniciar o que foi pedido. Em muitas dessas situações, tento amenizar o desânimo fazendo, por exemplo, propostas menos abertas, com direcionamentos mais pontuais, ou, como já mencionado anteriormente, fazendo perguntas que estimulem a abertura de caminhos para realização do exercício, evidenciando que

todas as ideias têm valor no processo criativo. Por essas diferenças as turmas de Ensino Médio serão o alvo da proposta didática a ser apresentada neste trabalho.

Noto que, para uma grande parte do público com quem trabalho, o repertório temático/visual é bastante restrito no aspecto de ser pouco problematizador do seu contexto e mesmo do seu entorno e criar trabalhos artísticos autorais é entendido como uma tarefa difícil, algo do qual não se sentem muito capazes de realizar. Isso é percebido, dentre outras ocasiões, no caso a seguir: frequentemente, peço como exercício a criação de uma imagem simples, que tem como único objetivo a exemplificação visual de um conceito, deixando o tema livre.³ Quando solicitado que façam uma imagem com formas geométricas e linhas retas, por exemplo – oferecendo a possibilidade de serem imagens figurativas ou abstratas, recorrentemente aparecem representações de pessoas, árvores e casas. Embora sejam temáticas com amplas possibilidades de serem exploradas, as representações são quase sempre genéricas, provavelmente aprendidas através de uma “fórmula” já culturalmente consolidada. Mesmo quando proponho um tema ligeiramente restrito, inclusive sugerindo possibilidades de adotarem referências que são próprias de seus cotidianos, há uma certa resistência e são mantidas as mesmas representações. Alguns dos outros objetos comumente explorados, nesses casos através de cópia, são personagens de desenhos/videogames/memes, carros, logos de marcas famosas e comidas cartunizadas.

Pensando nessa reprodução recorrente do mesmo repertório de imagens e nas possibilidades de ampliação das referências estéticas e visuais, a proposta aqui apresentada é para que nas aulas seja fomentado um olhar mais atento às próprias experiências como ponto de partida para os trabalhos autorais. Nesta pesquisa, o objeto principal é a natureza de São João Evangelista, ou elementos naturais, incluindo aqueles presentes nas proximidades das próprias residências dos/das estudantes e também nas áreas urbanizadas do município (principalmente no entorno

³ Refiro-me aqui a exercícios que não envolvem, necessariamente, técnicas plásticas de execução, mas de demonstração do entendimento de conceitos como: padronagem/textura visual, formas orgânicas, simetria, espaço negativo/contraforma, etc. Geralmente são exercícios trabalhados logo após apresentar esses termos e as imagens são produzidas com objetivo de servirem como exemplos para que possam consultar posteriormente, revendo o vocabulário trabalhado. Assim, deixo a temática livre para que não tenham dificuldade técnica na execução das representações dos conceitos pedidos.

da escola). Pretendo apresentar artistas que trabalhem a temática da natureza em suas obras para mostrar as diversas possibilidades de explorar o assunto visualmente, exemplificados e melhor apresentados na proposta pedagógica, mais adiante neste trabalho.

Considerando que os processos artísticos são diversos, cabe explorar as possibilidades em consonância com a realidade local do público para quem e com quem trabalho, em São João Evangelista, Minas Gerais. Assim, a implementação das alternativas a serem trabalhadas a partir do plano de sequência de aulas é também um canal por onde, durante esse próprio desenvolvimento da prática artística/educadora, será feito um aprofundamento investigativo e um melhor reconhecimento da cidade e de seus elementos naturais.

3. O ENSINO-APRENDIZAGEM EM ARTE E INTERPRETAÇÕES DA NATUREZA

Uma vez que a pesquisa se dá em torno de práticas de ensino/aprendizagem de Arte de uma escola pública do ensino básico regular, é necessário retomar os documentos da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) em paralelo com o Currículo Referência de Minas Gerais (CRMG), uma vez que se complementam, sendo que a BNCC é referência nacional para a formulação dos currículos específicos de cada esfera governamental. O instrumento federal, por exemplo, reconhece a Arte como parte essencial das aprendizagens especiais:

A Arte contribui para o desenvolvimento da autonomia criativa e expressiva dos estudantes, por meio da conexão entre racionalidade, sensibilidade, intuição e ludicidade. Ela é, também, propulsora da ampliação do conhecimento do sujeito relacionado a si, ao outro e ao mundo. É na aprendizagem, na pesquisa e no fazer artístico que as percepções e compreensões do mundo se ampliam no âmbito da sensibilidade e se interconectam, em uma perspectiva poética em relação à vida, que permite aos sujeitos estar abertos às percepções e experiências, mediante a capacidade de imaginar e ressignificar os cotidianos e rotinas. (BRASIL, 2018, p. 474)

A partir da BNCC as aulas são planejadas, esperando que posteriormente os/as estudantes possam “fruir manifestações artísticas e culturais, compreendendo o papel das diferentes linguagens e de suas relações em uma obra e apreciando-as com base em critérios estéticos” (BRASIL, 2018, p. 488).

O CRMG, por sua vez, considera que o componente Arte “deve estimular o estudante, a desenvolver procedimentos de criação, fruição e crítica em arte, além de ser capaz de apreciar e contextualizar a arte nas suas diversas formas de manifestação” (MINAS GERAIS, 2018, p. 95-96). Assim, percebe-se que o Currículo Referência está em consonância também com a Proposta Triangular sistematizada por Ana Mae Barbosa, na medida em que reconhece a importância dos componentes que ela considera como ações mentalmente e sensorialmente básicas para o ensino/aprendizagem de arte: a criação, a fruição (que Barbosa se refere como *leitura de obra de arte*) e a contextualização (BARBOSA, 1998, p. 33) – os três vértices da abordagem da autora. É a partir dessa triangulação que proposta pedagógica deste trabalho será apresentada, onde a abordagem da autora será melhor esclarecida.

A respeito do impacto que a experiência com a natureza pode provocar na capacidade criativa, Louv comenta sobre os escritos de Robin Moore:

Especialista em design de ambientes para o brincar e para o aprendizado, Moore escreveu que ambientes naturais são essenciais para o desenvolvimento infantil saudável porque estimulam todos os sentidos e integram o brincar, informal, com o aprendizado, formal. De acordo com Moore, experiências multissensoriais na natureza ajudam a construir “as habilidades cognitivas necessárias para o desenvolvimento intelectual contínuo” e estimulam a imaginação ao oferecer para a criança o espaço e os materiais para o que ele chama de “a arquitetura e os artefatos” das crianças”. (LOUV, 2018, p. 107-108)

Louv ainda acrescenta que “na Suécia, na Austrália, no Canadá e nos Estados Unidos, estudos realizados em pátios de escola tanto com áreas verdes quanto com áreas construídas revelaram que as crianças se envolvem em formas mais criativas de brincar nas áreas verdes” (*Idem*, p. 109). Essas passagens demonstram como o contato com a natureza pode ser estimulante sob o aspecto cognitivo. A natureza é um ambiente que pode incitar a curiosidade pela experiência sensorial e pelas inúmeras possibilidades de descobertas, já que é extremamente mutável: toda vida apresenta mudanças em seu ciclo, e um pequeno espaço natural abarca em si todo um conjunto de seres em constante transformação. A infinidade de variáveis (de vidas, de estágios, de formas, dimensões, cores, cheiros, texturas, sons e – nos casos cabíveis – sabores provenientes da natureza) somadas às próprias ações diante de tantas alternativas de experimentações implicam em imaginação e criatividade intensificadas.

Para além da abordagem temática nas práticas de ensino/aprendizagem e sua importância na educação, há ainda a experiência sensorial e o bem-estar que o contato com a natureza pode oferecer, tal como aponta Richard Louv na citação abaixo, dentre alguns estudos mencionados em *A Última Criança na Natureza*:

Psicólogos ambientais da Universidade Cornell relataram em 2003 que uma sala com vista para a natureza pode ajudar a proteger as crianças do estresse e que a natureza dentro ou ao redor de casa parece ser um fator significativo para o bem-estar psicológico das crianças em zonas rurais. [...] Wells e seu colega Gary Evans avaliaram a quantidade de natureza dentro e ao redor da casa de crianças que vivem em zonas rurais, matriculadas do terceiro ao quinto ano escolar. Descobriram que as crianças com mais natureza perto de casa tinham índices menores de transtornos de comportamento, ansiedade e depressão do que as que viviam com menos natureza nas proximidades. Elas também obtiveram resultados mais altos em uma medida global de atribuição de valor a si mesmas.

– Mesmo em um ambiente rural com abundância de paisagens naturais, mais (natureza) parece ser melhor quando se trata de

reforçar a resiliência das crianças contra o estresse ou adversidade – Wells e Evans relataram (LOUV, 2016, p. 72-73).

É pertinente assinalar que as referências que trazem a relação humano-natureza o fazem a partir de uma concepção de que existe uma separação entre esses dois “corpos”, ainda que abordem justamente a necessidade de integração entre as partes. Em grande medida, trata-se de uma separação entre o universo da cultura e, portanto, do predomínio do ser-humano, e do universo do natural e do meio-ambiente que, pela tradição ocidental moderna, retira deste último a existência do ser humano como também integrante da natureza. Ailton Krenak propõe repensarmos essa relação a partir da concepção de povos originários para entendermos que “nossos corpos estão relacionados com tudo o que é vida, que os ciclos da Terra são também os ciclos dos nossos corpos. Observamos a terra, o céu e sentimos que não estamos dissociados dos outros seres” (KRENAK, 2020a, p. 45). E retoma, dentre outras passagens, que

Muito povos, de diferentes matrizes culturais, têm a compreensão de que nós e a Terra somos uma mesma entidade, respiramos e sonhamos com ela. Alguns atribuem a esse organismo as mesmas suscetibilidades do nosso corpo: dizem que esse organismo está com febre. (*Idem*, p. 72).

O autor aponta essa desconexão da natureza como um problema resultante da modernidade, localizando temporalmente o momento da cisão entre estes dois mundos:

Estamos viciados em modernidade. A maior parte das invenções é uma tentativa de nós, humanos, nos projetarmos em matéria para além de nossos corpos. Isso nos dá sensação de poder, de permanência, a ilusão de que vamos continuar existindo. A modernidade tem esses artifícios. (...) Estamos a tal ponto dopados por essa realidade nefasta de consumo e entretenimento que nos desconectamos do organismo vivo da Terra. (*Idem*, p. 17-18).

O consumo é citado em outra obra de Ailton Krenak como causa das ações que implicam na destruição da vida e no desastre socioambiental que vivemos no Antropoceno:⁴

⁴ O Antropoceno é marcado pela ação humana enquanto desencadeadora de mudanças geológicas da Terra e que colocam em risco a própria existência da humanidade. Não há consenso, no entanto, sobre o termo. A intensificação dessa época geológica, a partir da Revolução Industrial, não se deu por

Excluimos da vida, localmente, as formas de organização que não estão integradas ao mundo da mercadoria, pondo em risco todas as outras formas de viver. (...) Essa humanidade que não reconhece que aquele rio que está em coma é também o nosso avô, que a montanha explorada em algum lugar da África ou da América do Sul e transformada em mercadoria em algum outro lugar é também o avô, a avó, a mão, o irmão de alguma constelação de seres que querem continuar compartilhando a vida nesta casa comum que chamamos de Terra.

[...] Quando despersonalizamos o rio, a montanha, quando tiramos deles os seus sentidos, considerando que isso é atributo exclusivo dos humanos, nós liberamos esses lugares para que se tornem resíduos da atividade industrial e extrativista. (KRENAK, 2020b, p. 47-49)

Ana Mae Barbosa, relata que os problemas ambientais estão relacionados aos “problemas políticos, econômicos, sociais e educacionais que induzem às ações predatórias e as permeiam” (BARBOSA, 1998, p. 116) e também menciona a importância do papel de artistas e arte-educadores(as) nos esforços para preservação da natureza e dos seres humanos juntamente com outros(as) especialistas, em um trabalho multidisciplinar.

Considerando a importância e contemporaneidade do tema, incluindo a necessidade de ampliar o repertório artístico dos/das estudantes, verifica-se aqui a potencialidade dos elementos naturais da cidade de São João Evangelista enquanto repertório conceitual, imagético e afetivo para um plano de ensino/aprendizagem de Arte no ensino básico regular de uma escola da rede estadual de Minas Gerais.

ações e políticas de toda a humanidade, o que se contrapõe à origem da palavra, do grego *anthropos*, “humano”, genérica demais. Krenak aponta a especificidade das ações do ser humano que vive sob o modelo capitalista, que explora e esgota os recursos naturais, pautado em um sistema que mercantiliza tudo o que pode. O autor ainda frisa essa diferença do modo de vida dos povos originários, chamando a atenção para o fato de que para vários desses povos, o fim do mundo já ocorreu no século XVI (KRENAK, 2020b), em decorrência, justamente, das colonizações que favoreceram e aceleraram os danos que têm caracterizado o Antropoceno.

4. PROPOSTA PEDAGÓGICA – RESSIGNIFICAÇÕES DA NATUREZA NA ARTE

A proposta pedagógica aqui apresentada pode ser compreendida como um planejamento aberto, que possa, com base nas partes aqui apresentadas, ser moldado, ampliado ou mesmo reduzido, enfim, editado de acordo com a necessidade de cada contexto, como por exemplo em casos de integração em projetos interdisciplinares, cabendo as devidas alterações.

É com base na Proposta Triangular de Ana Mae Barbosa que as práticas de ensino/aprendizagem em Arte são aqui elaboradas. Conforme a autora, essa abordagem deriva de uma dupla triangulação: a primeira se refere ao trio criação (fazer artístico), leitura de obra de arte e contextualização; enquanto a segunda trata da concepção de sua sistematização, influenciada por outras três abordagens – as *Escuelas al Aire Libre* mexicanas, *Critical Studies* da Inglaterra e *Discipline Based Art Education (DBAE)* dos Estados Unidos. A respeito das três ações básicas que se cruzam no ensino/aprendizagem em Arte, Barbosa esclarece ainda que não há uma hierarquia nem sequência para as mesmas, uma vez que “Não se tratam de fases da aprendizagem, mas de processos mentais que se interligam para operar a rede cognitiva da aprendizagem” (BARBOSA, 1998, p. 40).

O tema da pesquisa se funda nas relações que os/as estudantes podem desenvolver ou fortalecer com o meio em que vivem, mais especificamente com os elementos naturais⁵ desses espaços, e é com base nisto que as atividades integrantes desta proposta pedagógica foram desenvolvidas. Assim, pode-se considerar um trabalho também apoiado na concepção de Paulo Freire (1996), que ressalta a importância de se considerar o/a estudante como sujeito social e histórico, cujo acervo de conhecimentos empíricos deve ser respeitado junto a sua individualidade. O autor menciona como os saberes dos/das estudantes como integrantes e protagonistas do processo ensino/aprendizagem, de forma a fazer conexão entre “uma necessária ‘intimidade’ entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos” (*Idem*, p. 15). Esta proposta, portanto, é pensada

⁵ Por “elementos naturais” me refiro aos fenômenos naturais ou seres vivos presentes e vistos não somente em ambientes de natureza preservada, mas também nas áreas urbanizadas, pois estão sendo consideradas para esta proposta pedagógica as relações cotidianas, principalmente.

a partir das vivências do público com quem trabalho, tentando uma aproximação máxima com as suas referências e/ou ampliando-as a partir de ressignificações que possam ser feitas desse repertório para criação de trabalhos artísticos autorais, ou seja, reconhecer a potencialidade da própria história enquanto conteúdo para processos criativos em arte e para compreender outros pontos de vista, de outros artistas.

A seguir, apresento ações que considero importantes para a sequência de aulas, considerando seu contexto de implementação e a partir da temática da natureza.

4.1 – Informações gerais

Proposta pedagógica: Resignificações da natureza na arte.

Formato de proposta: plano para uma sequência de quatro aulas.

Tema: a natureza como referência para concepção de obras de arte.

Público alvo: turmas do Ensino Médio regular de uma escola da rede estadual de Minas Gerais, na cidade de São João Evangelista.

Duração: sequência de quatro aulas.

Materiais necessários: sala de aula apropriada para projeção de mídia audiovisual; área da escola externa às salas de aula; materiais que os/as estudantes possam trazer para execução de trabalho prático.

Resultados esperados:

- Possibilitar às turmas o desenvolvimento de um olhar mais atento aos elementos naturais locais, uma vez que o mesmo se torna necessário às práticas artísticas relacionadas ao tema;
- Ampliar o repertório imagético de estudantes, indicando as possibilidades em suas próprias experiências com a natureza da região. Espera-se que esse repertório imagético acompanhe um maior reconhecimento da biodiversidade local;
- Ampliar o repertório artístico dos(as) estudantes com apresentação de artistas e obras que têm como cerne a natureza, promovendo análises com base em critérios estéticos e nas devidas contextualizações.

Assim, de acordo com os resultados esperados acima, é desejável que, correspondendo ao CRMG, os/as estudantes possam também, em alguma medida:

- “(EM13LGG301) Participar de processos de produção individual e colaborativa em diferentes linguagens (artísticas, corporais e verbais), levando em conta suas formas e seus funcionamentos, para produzir sentidos em diferentes contextos” (MINAS GERAIS, 2018, p. 113);
- “(EM13LGG304) Formular propostas, intervir e tomar decisões que levem em conta o bem comum e os Direitos Humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global” (MINAS GERAIS, 2018, p. 115);
- “(EM13LGG602) Fruir e apreciar esteticamente diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, assim como delas participar, de modo a aguçar continuamente a sensibilidade, a imaginação e a criatividade” (MINAS GERAIS, 2018, p. 123);
- “(EM13LGG604) Relacionar as práticas artísticas às diferentes dimensões da vida social, cultural, política e econômica e identificar o processo de construção histórica dessas práticas” (MINAS GERAIS, 2018, p. 124).

Métodos de avaliação: assim como no decorrer de todo o ano letivo, a avaliação da presente proposta é contínua e prioriza os processos pelos quais as turmas percorrem. É importante ressaltar que a avaliação individual não toma como parâmetro uma medida externa, mas é feita a partir do que é possível reconhecer previamente no/na estudante (suas dificuldades e potencialidades), verificando avanços em seu desenvolvimento. Para além dos aspectos qualitativos concernentes à assiduidade, pontualidade, organização de material, entregas realizadas dentro dos prazos determinados, cooperação com o ambiente escolar, tratamento adequado a todos da comunidade escolar, dentre outros, para este caso específico do presente trabalho, as articulações feitas entre as informações apreendidas nas aulas e o processo criativo serão o cerne da avaliação, uma vez que estamos tratando de especificidades próprias do componente curricular Arte. Dentre as possibilidades de métodos avaliativos estão:

- Diário de bordo: o próprio caderno destinado à disciplina de Arte é o que chamo aqui de diário de bordo. Nele, o/a estudante deve registrar tudo o que pode servir de referência para seu estudo na disciplina: novos conceitos vistos dentro ou fora de sala; experiências pessoais que relaciona à arte (como resenhas de séries, músicas, shows, passeios...); exercícios; ideias para trabalhos autorais, esboços e experimentação de materiais no próprio caderno; as dificuldades com determinados conteúdos das aulas de Arte; atividades que gostaria de refazer ou que pode sugerir para as aulas, etc. A partir dessas anotações, é possível verificar possíveis conexões entre o que foi trabalhado em sala e suas produções autorais. Esse diário é verificado quando a participação oral se mostra insuficiente para avaliação;
- Diálogo/entrevista: embora uma entrevista possa ser planejada com perguntas padronizadas, o diálogo pode ser feito ao longo de todo o processo, conforme as aulas são desenvolvidas. Em momentos de esclarecimento de dúvidas tanto do/da estudante quanto das minhas próprias em relação às suas opiniões ao analisar uma obra e suas dificuldades na realização de algum exercício, por exemplo, é possível verificar o grau de compreensão e complexidade com que os processos criativos estão sendo conformados. Esse diálogo ocorre em complemento ao diário de bordo, uma vez que as anotações nem sempre são habituais e a expressão por escrito pode ser muito dificultosa para várias pessoas;
- Atividade em grupo: verifica-se aqui como cada integrante se articula em prol de uma finalidade em comum; como um grupo se organiza para cumprir os objetivos de uma determinada tarefa e como os conhecimentos artísticos e o pensamento estético se dá nesse processo e na apresentação dos resultados;
- Exercício avaliativo: para aferições conceituais e de termos técnicos.

4.2 – Primeira aula: apresentação e apreciação de obras

Para desenvolvimento e ampliação do repertório artístico, a apresentação de artistas ou obras que tenham como cerne conceitual a natureza é fundamental para conhecer outros pensamentos, outras visões de mundo, refletir sobre o próprio lugar e sua relação consigo, com os outros e com os espaços (portanto, com o meio

ambiente). Além dessas reflexões, a diversidade de técnicas e estéticas também conferem às turmas a oportunidade de conhecer melhor outros meios pelos quais o pensamento artístico pode se concretizar, desconstruindo uma forte tendência de associar arte ao desenho e pintura feitos com materiais tradicionais.

Conhecer outros trabalhos e ampliar o repertório também é uma maneira de desconstruir a ideia de que a obra de arte é sempre uma representação fiel da realidade visível e que os/as artistas importantes de diferentes contextos trabalham com distorções, transformações ou simplificações das formas, por exemplo. Acredito que ver obras com essas características faz com que o/a estudante as perceba com uma aproximação daquilo que já faz habitualmente, mas com novas possibilidades técnicas e temáticas.

Nesta aula os vértices da Proposta Triangular de Ana Mae Barbosa a serem operados são a contextualização e a apreciação da obra de arte. Conforme a autora, “contextualizar é estabelecer relações” (BARBOSA, 1998, p. 38). Dessa forma, ela pode ser construída a partir de vários aspectos. Um deles é a apresentação ou compreensão do plano de fundo histórico em que artistas e seus trabalhos estão inseridos. Não se trata somente de uma abordagem superficial da história da arte, mas de reconhecimento, por exemplo, dos contextos ecológicos, biológicos, científicos e de desenvolvimento de tecnologias diversas concernentes às ideias e execução das obras de arte, dos espaços geográficos onde as obras são concebidas, dos aspectos sociológicos que permeiam as criações desses trabalhos e das relações de poder implícitas nas suas produções e veiculações. Além disso, a contextualização, segundo a autora, pode ainda ser socialmente e/ou subjetivamente construída. Por essa razão é tão caro neste trabalho que consideremos as diversas individualidades com suas próprias histórias de vida, pois é a partir delas que o/a estudante aprecia as obras e estabelece relações para então ampliar suas percepções.

A seguir estão quatro exemplos de obras artísticas que têm como cerne criativo a natureza e que podem ser apresentadas às turmas. A depender do tipo de análise feita das obras e do tempo disposto pra isso, o número de imagens pode ser, obviamente, aumentado. Para este trabalho, determino um tempo de análise mais amplo, abrindo mais possibilidades para a turma se exprimir diante das obras e, por isso o número reduzido de exemplos. Proponho primeiramente uma análise livre de cada estudante, abrindo espaço para que possa opinar e criar suas próprias relações

entre/com as obras. Ao fim das análises de cada obra, caso não tenha havido menção por parte dos/das estudantes, penso em esclarecer definitivamente o tema desse conjunto de trabalhos, já sugerindo que pensem como seriam seus próprios trabalhos artísticos, caso tivessem que fazê-los com a natureza como temática. As anotações referentes a essa aula podem ser feitas no diário de bordo para consultas posteriores dos termos e como acervo de ideias.

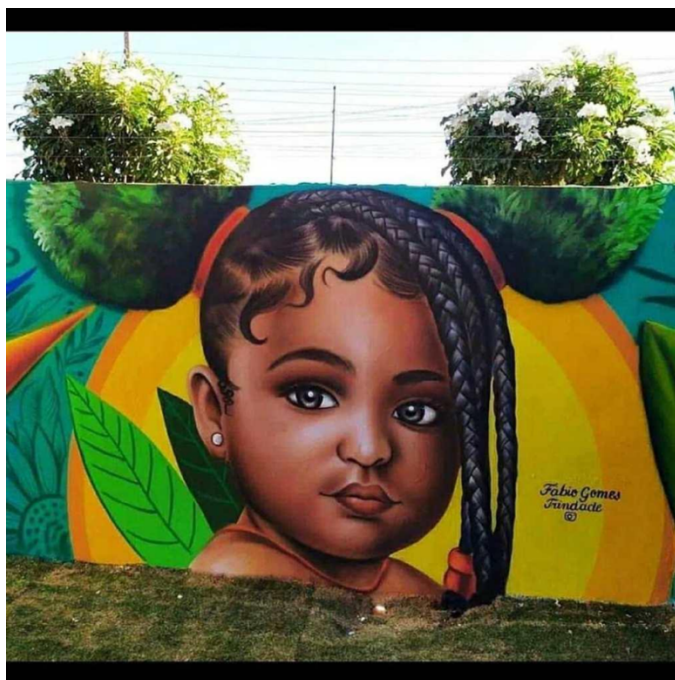


Figura 10 – *Graffiti* de Fábio Gomes.

Fonte: Instagram do artista, publicação de setembro de 2021. Disponível em <https://www.instagram.com/p/CUGINEpr3ox/>. Acesso em: 21 abr de 2023.

O *graffiti* de Fábio Gomes é uma maneira de apresentar às turmas a obra relacionada com o ambiente onde é exposta.⁶ O trabalho artístico, nesse caso, não é pensado isoladamente, mas em conjunto com o que já existia antes (a árvore e o muro). Assim, em vez de fazer a obra e depois escolher onde inseri-la, um outro caminho possível para execução desse tipo de trabalho é analisar primeiramente o

⁶ Embora essa sequência didática não exija reconhecimento aprofundado das turmas sobre intervenções urbanas, ter trabalhado o assunto previamente com esses grupos possibilita uma maior possibilidade de ideias para execução do trabalho que será proposto neste plano de aulas. Havendo possibilidade, acho interessante mencionar ou relembrar outras técnicas e materialidades possíveis nesse tipo de manifestação artística.

local, e só então planejar a imagem que fará a melhor integração com o espaço, já que esse será também parte da obra. Essa forma de concepção artística exige uma consciência da espacialidade onde a obra é executada, bem como a efemeridade dos seus elementos, por isso, pensar nessa localização e no entrelaçamento entre imagem/objeto e ambiente pode estimular o/a estudante a ter um olhar mais atento ao seu entorno quando pensar em suas próprias produções.



Figura 11 – Desenho de Liça Pataxoop, *Tehey Grande Tempo das Águas*.
Fonte: Catálogo da exposição *Mundos Indígenas*, realizada no Espaço do Conhecimento UFMG, de 2019 a 2023.

Liça Pataxoop explica que seus desenhos são sua forma de escrita e na série apresentada na referida exposição os chama de Tehey (instrumento de pesca), porque “quem olhar, apreciar, vai pescar ali o conhecimento e fazer a reforma do seu jeito” (MUNDOS, 2020, p. 137). Segundo a artista, a imagem mostra os grandes parentes da Natureza, e que são eles que marcam o Tempo das Águas. Existem dois tempos: o da chuva e o da seca. Quando esses animais, como as aves, são vistos, sabe-se que o tempo das águas está por vir.

Neste ponto, acho interessante estimular a turma a pensar nas mudanças que a paisagem local sofre no decorrer do ano: quais animais são vistos com maior frequência em determinadas épocas; se as cores predominantes no céu são diferentes em maio e em dezembro; se as cores das montanhas e das vegetações também variam; quando a paisagem da própria escola fica mais florida; quais são as mudanças percebidas a partir de suas residências; etc.



Figura 12 – Passarinhos – de Inhotim a Demini, de Adriana Varejão.
 Adriana Varejão, *Passarinhos – de Inhotim a Demini*, 2004-2008 [detalhe]. Azulejos pintados à mão, 100cm x 382cm.
 Fonte: fotografira de Vicente de Mello, retirada do site do Instituto Inhotim. Disponível em: <https://www.inhotim.org.br/item-do-acervo/passarinhos-de-inhotim-a-demini/>. Acesso em: 24 jun. 2023.

Em *Passarinhos – de Inhotim a Demini*, Varejão utiliza azulejos como suporte para pintura, exposta a céu aberto, no Instituto Inhotim. A obra foi feita a partir da vivência na aldeia Watoriki, que fica na região do rio Demini, terra do povo Yanomami. Na ocasião, ela se deparou com o grande conhecimento que as pessoas indígenas tinham dos pássaros, as quais reproduziam os sons de cada uma das espécies que reconheciam no livro que a artista levava consigo. Nesta pintura, Varejão retrata as aves da Amazônia complementadas pelas espécies de Brumadinho, como uma espécie de catalogação, resultado de pesquisas em parceria com a equipe do Jardim Botânico do Inhotim.

É interessante mencionar a interdisciplinaridade envolvida na concepção da obra, uma vez que foi necessário um trabalho de pesquisa na área das Ciências da Natureza para a abordagem das espécies no trabalho. Outro ponto que possibilita reflexões é o fato de Adriana Varejão remeter à arte decorativa em azulejos – numa referência à herança da azulejaria portuguesa trazida pelo colonialismo europeu – ao mesmo tempo em que enaltece os conhecimentos indígenas e exalta a fauna brasileira nativa.



Figura 13 – Instalação de Andy Goldsworthy; folhas deitadas em torno de um buraco. *Rowan leaves laid around a hole, Yorkshire Sculpture Park, 25 October (+ another; 2 works)*, 1987.

Fonte: Andy Goldsworthy. Disponível em: <https://www.artnet.com/artists/andy-goldsworthy/3?type=photographs>. Acesso em: 24 jun. 2023.

Andy Goldsworthy é um artista britânico reconhecido por obras que o inserem no movimento da *Land Art*. Essa corrente artística surgiu no fim da década de 1960 e se utilizava do meio ambiente e dos materiais naturais dali provenientes para execução das obras de arte. Goldsworthy faz da paisagem o meio de suas obras, ou seja, paisagem e obra se tornam indissociáveis.

Aqui, a turma pode ser questionada sobre os materiais que conhecem e utilizam na execução de obras; quais as vantagens e desvantagens da materialidade que Goldsworthy utiliza; quais os materiais disponíveis que nós, no espaço da escola, poderíamos usar para realizar obras sob os modelos da *Land Art*; por que optamos, muitas vezes, pelo uso de materiais biodegradáveis no dia a dia e como trazer isso no fazer artístico; etc. É interessante também ressaltar para a turma o caráter efêmero das obras e que, nesses casos, o registro fotográfico ou em vídeo talvez sejam necessários, podendo ser apenas meros registros, mas que também podem ser feitos para criar um novo trabalho artístico, explorando a variedade nas composições a partir dos enquadramentos, ângulos, luminosidades, sons, edições, etc.

Ao final das análises das obras, proponho que os/as estudantes façam registros fotográficos dos elementos naturais que perceberem ao longo do período até a próxima aula, ressaltando que essas imagens poderão servir de referência e inspiração para as ideias do trabalho prático que será solicitado.

4.3 – Segunda aula: planejamento de trabalho prático

Orientações para o trabalho:

- Executar uma intervenção artística no espaço da escola que tenha como tema a natureza do município. Essa obra deve ser baseada a partir das próprias realidades, trazendo em sua concepção algum aspecto da relação que têm com os elementos naturais de São João Evangelista;
- A intervenção deverá ser finalizada até o fim da próxima aula e não deve ser permanente;
- Formar grupos, se desejarem. A quantidade de integrantes deve ser condizente com a necessidade para execução do trabalho;
- Discutir as ideias, revendo as fotografias tiradas ao longo da semana e compartilhando informações dos diários de bordo e, a partir das discussões, colocar em um papel o planejamento básico da obra, além de outras informações que acharem pertinentes:
 - Sob qual viés a natureza será abordada;
 - Local da escola onde será feita a intervenção, após checagem com demais grupos para verificar necessidade de compartilhamento de espaço e/ou readequação do trabalho planejado em outro lugar;
 - Materiais necessários;
 - Tempo previsto de execução da obra;
 - Apontar as atribuições feitas a cada um/a dos/das integrantes do grupo para execução da obra;
 - Título da obra, caso queiram.

A razão da escolha da intervenção é pela variedade de suportes com os quais os grupos podem lidar, pela necessidade de se ter um olhar atento aos espaços que ocupam, pelo protagonismo da visibilidade de um trabalho autoral discente e, por fim,

pelo desejo de fomentar nas turmas uma nova percepção do espaço escolar combinado aos elementos naturais locais para o desenvolvimento de relações afetivas com a cidade e de sentimento de pertencimento. A escolha do trabalho em grupo, por sua vez, se dá pelas trocas de referências individuais diversas, possibilitando enriquecimento das ideias para execução da atividade. Além disso, as responsabilidades são atribuídas conforme acreditam ser mais adequadas a cada integrante e também estimulam o senso de coletividade, bem como o exercício de se fazer escolhas. Como parte das ferramentas de todas as aulas, os diários de bordo podem ser utilizados como meio pelo qual se organizam e expõem suas intenções para as diversas produções.

Como proponente, acredito que a etapa da segunda aula deva ser acompanhada com especial atenção para mediar os possíveis acordos entre integrantes e grupos, bem como fazer sugestões de alterações: ainda que minhas referências pessoais não tenham espaço para as temáticas nesse momento em específico, como professora-artista penso que seja interessante que eu possa sugerir mudanças ou pequenas adequações das ideias a fim de que as mesmas sejam executáveis, frisando que o trabalho deve ser simples para que seja finalizado nos 50 minutos da terceira aula.

4.4 – Terceira aula: execução de trabalho prático

Nesta aula os grupos devem executar e finalizar os trabalhos. Na possibilidade de algum grupo apresentar contratempos ou imprevistos, o espaço verde da escola se torna bastante adequado para viabilizar uma intervenção a partir da concepção da *land art*, pois haverá disponível material suficiente para execução da obra. Nesses casos, a ideia não é trabalhar o fazer artístico de Ana Mae Barbosa através de uma releitura sem reflexão da obra de Goldsworthy. É importante que os/as estudantes reconheçam as especificidades dos contextos de criação, e aqui, em especial, os próprios. Ao fazer uma observação do terreno da escola, pode-se verificar que os materiais disponíveis são diferentes daqueles utilizados pelo artista referência. Como nossa materialidade pode ser valorizada nesse tipo de trabalho? Como trabalhar a obra com as texturas, cores e formas disponíveis aqui? Não seria possível, diferentemente de Goldsworthy, formar uma construção figurativa com esses

materiais? Esses são alguns dos questionamentos que podem permear um trabalho artístico de releitura sem que se torne uma repetição do processo pautado em uma tentativa de cópia. Ao fim do trabalho, cada grupo deve fazer um ou mais registros fotográficos da intervenção artística realizada.

4.5 – Quarta aula: apresentação da intervenção

Orientações:

- Cada grupo deve escrever um parágrafo de apresentação da intervenção artística que executou, explicitando as razões de suas escolhas e de que maneira o tema da natureza foi trabalhado na obra, utilizando vocabulário técnico adequado trabalhado nas aulas de Arte. Ainda que o parágrafo seja referente ao trabalho do grupo, é importante que cada integrante o transcreva para seu próprio diário de bordo, pois é um registro a ser consultado posteriormente não só pelo valor afetivo do trabalho, mas também pela necessidade de revisar suas concepções artísticas e ter o exemplo do uso do vocabulário para outras ocasiões futuras;
- Apresentar à turma as ideias do parágrafo no local da intervenção.

Após cada apresentação, serão respondidas possíveis perguntas de colegas, que também podem pontuar suas colocações, fazendo uma apreciação das obras realizadas, exprimindo outras ideias e estabelecendo novas relações a partir das intervenções apresentadas.

Além de todo o processo das aulas anteriores, a avaliação deste momento da quarta aula será dos aspectos técnicos (como o vocabulário utilizado e a organização da apresentação) e artísticos (coerência nas relações feitas entre os conceitos que permeiam a obra, segundo o grupo, e a finalização plástica da mesma).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a realização dos escritos deste trabalho, constato com ainda mais clareza que antes a infinitude de caminhos, variáveis e desafios do ensino-aprendizagem de Arte na escola. Esta pesquisa se mostrou como um ponto de partida para muitos percursos que não puderam ser feitos no momento, mas que certamente são caros à educação, não só na área de arte, mas também em outras: um aprofundamento no reconhecimento das relações que as pessoas têm com os animais não humanos, a natureza explorada enquanto recurso econômico, o consumo responsável, a educação ambiental, a sustentabilidade e uso de materiais biodegradáveis na escola, entre outros temas.

Durante a elaboração destes textos, minha percepção de que o conhecimento de si e do outro se dá de maneira concomitante foi exacerbada. No primeiro momento em que pensei sobre uma pesquisa para a especialização, imediatamente surgiram ideias do que me moveriam enquanto artista. Então essas primeiras ideias começaram a tomar formas adequadas às pertinências pedagógicas, fazendo surgir a proposta de aula aqui apresentada e a decorrente pesquisa necessária para sua elaboração. Constatei com mais convicção, como professora artista, que os objetivos que almejo para as turmas com quem trabalho estão relacionados às minhas práticas artísticas. Em meu trabalho como professora, trago para os/as estudantes aquilo que acredito poder despertar o autoconhecimento para reconhecimento do entorno e vice-versa, por isso valorizo tanto o ensino de Arte na escola: vejo nela um potencial enorme para o crescimento pessoal e como caminho para conhecimentos infinitos.

E foi por entre esses caminhos para tantos lugares que se abriu um espaço para que meus encantamentos e preocupações com a natureza da cidade onde resido atualmente se tornassem material para proposta de aula. O trabalho, portanto, encerra-se com inúmeras outras portas abertas para tantos trajetos correspondentes a serem percorridos.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae. *Tópicos Utópicos*. Belo Horizonte: C/ Arte, 1998.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). *Censo da Educação Básica 2022: notas estatísticas*. Brasília: Inep, 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/pesquisas-estatisticas-e-indicadores/censo-escolar/resultados>. Acesso em: 4 jul. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular – Ensino Médio*. Brasília: MEC, 2018.

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. *LDB – Lei no 9394/96, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Brasília: MEC, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 19 jul. 2022.

EMBRATUR/IBAMA. *Diretrizes para uma política nacional de ecoturismo*. Brasília, 1994. Disponível em: http://www.ecobrasil.provisorio.ws/images/BOCAINA/documentos/ecobrasil_diretrizespoliticanacionalecoturismo1994.pdf. Acesso em: 16 jul. 2022.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Área Urbanizada*. Diretoria de Geociências, Coordenação de Meio Ambiente, Áreas Urbanizadas do Brasil. Brasília: IBGE, 2019. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/sao-joao-evangelista/panorama>. Acesso em 05 maio 2023.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Censo 2010: Guia do Censo – operação censitária*. Brasília: IBGE, 2010a. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/materiais/guia-do-censo/operacao-censitaria.html>. Acesso em: 11 jun. 2023.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Censo demográfico 2010: Amostra – Domicílios*. Brasília: IBGE, 2010b. Disponível em <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/sao-joao-evangelista/pesquisa/23/47427?detalhes=true>. Acesso em: 11 jun. 2023.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *População estimada*. Diretoria de Pesquisas, Coordenação de População e Indicadores Sociais, Estimativas da população residente com data de referência 1º de julho de 2021. Disponível em <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/sao-joao-evangelista/panorama>. Acesso em: 05 maio 2023.

KRENAK, Ailton. *A vida não é útil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020a.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020b.

LOUV, Richard. *A última criança na natureza: resgatando nossas crianças do transtorno do déficit de natureza*. São Paulo: Aquariana, 2018.

MINAS GERAIS. *Currículo Referência de Minas Gerais*. Minas Gerais, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/implementacao/curriculos_estados/documento_curricular_mg.pdf. Acesso em: 12 abr. 2023.

MUNDOS Indígenas. *Catálogo de exposição (dez-2019–jul-2022), Espaço do Conhecimento/UFMG*. Belo Horizonte, 2020. Disponível em https://www.ufmg.br/espacodoconhecimento/wp-content/uploads/2018/03/ec-ufmg_2020_mundos-indigenas_catalogo_web.pdf. Acesso em: 20 jun. 2023.

PIMENTA, Dermeval José Pimenta. *A Mata do Peçanha – sua história e sua gente*. Belo Horizonte, 1966.

PIMENTEL, Lucia Gouvêa. *Metodologias do Ensino de Artes Visuais*. In: PIMENTEL, Lucia Gouvêa (org.). *Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais*. Vol. 1. Belo Horizonte: Escola de Belas Artes da UFMG, 2008.

SÃO JOÃO EVANGELISTA. *Listagem dos Bens Culturais Protegidos*. São João Evangelista, 2023. Disponível em: <https://digitaliza-institucional.s3.us-east-2.amazonaws.com/municipio-de-sao-joao-evangelista/documentos-oficiais/Listagem%20de%20Bens%20Culturais%20Protegidos%20%202022-24-02-2023%20-%20PmZVi.pdf>. Acesso em: 05 maio 2023.